

Empreendedorismo feminino: desafios enfrentados por empreendedoras na Região da Serra Gaúcha/RS

Female entrepreneurship: challenges faced by entrepreneurs in the Serra Gaúcha/RS Region

Viviane Alves Bertoletti¹
Alice Munz Fernandes²

Resumo

O empreendedorismo feminino figura como um fenômeno emergente e que vem conquistando cada vez mais espaço na sociedade contemporânea. Entretanto, ainda há um conjunto de desafios enfrentados pelas mulheres nesse âmbito, sobretudo em regiões que historicamente valorizam o patriarcado e são culturalmente marcadas pela divisão clara de papéis e tarefas. Nesse sentido, a pesquisa realizada teve como objetivo identificar os desafios enfrentados por mulheres empreendedoras na Região da Serra Gaúcha/RS. Para isso, empregou-se uma *survey* com corte transversal, cuja amostra foi composta por 42 respondentes. Os dados foram analisados mediante testes estatísticos de tendência central e de variabilidade. Os resultados obtidos demonstraram que, apesar das respondentes contribuírem financeiramente com as despesas da casa, a maioria percebe que não há uma divisão de tarefas domésticas com seu cônjuge. Além disso, observou-se que, mesmo que se sintam sobrecarregadas com a sua dupla jornada, entendem que o empreendedorismo lhes proporcionou realização pessoal. Os achados apontaram ainda que, mesmo que uma pequena parcela das respondentes reconheça que tem dificuldades em administrar seus rendimentos, essa proporção praticamente dobra quando questionadas sobre dificuldades no acesso a crédito.

Palavras-chave: Diferenças de Gênero. Empreendedorismo Feminino. Mercado de Trabalho.

¹ Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Campus* Caxias do Sul. *E-mail*: viviane.alves1802@gmail.com

² Doutora em Agronegócios. Mestre em Administração. Bacharela em Administração. Docente da Universidade Federal do Pampa, *Campus* Dom Pedrito. *E-mail*: alicemunz@gmail.com

Abstract

Female entrepreneurship appears as an emerging phenomenon that has been gaining more and more space in contemporary society. However, there are still a set of challenges faced by women in this area, especially in regions that historically value patriarchy and are culturally marked by a clear division of roles and tasks. In this sense, the research carried out aimed to identify the challenges faced by women entrepreneurs in the Serra Gaúcha/RS region. For this, a cross-sectional survey was used, whose sample consisted of 42 respondents. The data were analyzed using statistical tests of central tendency and variability. The results obtained demonstrated that although the respondents contribute financially to household expenses, the majority realize that there is no division of domestic tasks with their spouse. Furthermore, it was observed that even if they feel overwhelmed by their double journey, they understand that entrepreneurship has provided them with personal fulfillment. The findings also showed that even though a small portion of respondents recognize that they have difficulties managing their income, this proportion practically doubles when asked about difficulties in accessing credit.

Keywords: Gender Differences. Female Entrepreneurship. Job Market.

Data de submissão: 12 de fevereiro de 2024

Data de aprovação: 15 de fevereiro de 2024

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo figura como um fenômeno emergente, sendo considerado o principal propulsor de desenvolvimento social e econômico das populações (ROSA, 2020). Logo, “identificar oportunidades, agarrá-las e buscar os recursos para transformá-las em negócio lucrativo” torna-se fundamental (PAULA; NUNES, 2022, p. 6), fazendo com que o empreendedorismo seja uma das temáticas mais exploradas no mundo inteiro em âmbito científico (JANSSEN, 2020).

A importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico de um país não se limita à quantidade de negócios que foram abertos, mas compreende também a sua continuidade, influenciando na geração de emprego e renda (SILVA; BASTOS, 2022).

Contudo, o comportamento empreendedor pressupõe atitudes revolucionárias, pois requer que o indivíduo saia de sua zona de conforto e corra riscos calculados, além de envolver uma expressiva capacidade de resiliência (DORNELAS, 2008). Assim, o empreendedorismo feminino desponta como uma pertinente maneira para a obtenção da independência e da autonomia financeira da mulher, oportunizando renda, transformando as relações sociais e adicionando diversidade aos negócios (SEBRAE, 2021).

Entretanto, além dos desafios inerentes à própria ação empreendedora, para as mulheres, abrir negócios tende a ser algo mais complexo. Isso porque existem obstáculos relacionados a questões sociais e de ordem familiar, como a subvalorização feminina, a falta de reconhecimento, a associação do trabalho da mulher a afazeres domésticos e com cuidados familiares, por exemplo (FENELON; LIMA, 2005; MACHADO, 2018).

No Brasil, tem-se que mais de 10 milhões de mulheres são empreendedoras, representando cerca de um terço dos negócios já estabelecidos no país, sendo predominantemente empreendimentos abertos por necessidade (CNN BRASIL, 2023). Segundo relatório da General Entrepreneurship Monitor (GEM, 2022), 43,2% dos novos empreendedores no Brasil em 2022 são mulheres. Esta proporção se mantém similar no Estado do Rio Grande do Sul, no qual 43% dos novos empreendimentos abertos no mesmo ano são liderados por mulheres — o que corresponde a cerca de 406 mil pessoas (SUTELO, 2023).

Apesar das mulheres donas de negócios possuírem um nível de escolaridade 16% superior ao dos homens, ganham 22% a menos.

A importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico de um país não se limita à quantidade de negócios que foram abertos, mas compreende também a sua continuidade, influenciando na geração de emprego e renda (SILVA; BASTOS, 2022).

Esta situação denota que os “homens têm maior reconhecimento nas atividades empresariais, enquanto as mulheres ainda precisam provar sua qualificação para a sociedade” (SEBRAE, 2022b). Isto posto, observam-se reflexos de uma herança sexista de subvalorização feminina que caracteriza sociedades patriarcais (LUCAS; ANCELMO, 2022) e que ainda impactam no mercado de trabalho e no papel social da mulher, intensificando seus desafios profissionais (SIQUEIRA; SAMPARO, 2017).

Não obstante, evidencia-se ainda que existe um desequilíbrio de gênero no acesso ao emprego e às condições de trabalho. Isso porque 15% das mulheres em idade produtiva em todo o mundo gostariam de trabalhar, mas não estão empregadas, ao passo que entre o público masculino esse percentual é de 10,5%. Outro aspecto pertinente corresponde ao fato de que as responsabilidades pessoais e familiares afetam de maneira desproporcional as mulheres (OIT, 2023).

No Rio Grande do Sul esta situação não é diferente. No segundo semestre de 2022, o Estado ocupava o sétimo lugar entre as Unidades da Federação com maior desigualdade salarial de gênero, expressando diferença de 25% entre rendimentos (IBGE, 2022). Por outro lado, o Estado possui cinco cidades presentes no Índice de Cidades Empreendedoras (ICE, 2023), quais sejam: Porto Alegre (14ª posição), Caxias do Sul (21ª posição), Santa Maria (36ª posição), Gravataí (57ª posição) e Canoas (67ª posição).

Ante esse panorama, a pesquisa realizada teve como objetivo identificar os desafios enfrentados por mulheres empreendedoras na Região da Serra Gaúcha/RS. Esta limitação geográfica justifica-se por aspectos históricos relacionados ao patriarcado, cujos comportamentos sociais durante o período colonial impuseram à mulher papéis socialmente restritivos e limitados, o que impacta na estrutura social ainda na contemporaneidade (MACHADO, 1996) e incentiva a desigualdade de gênero (CEZAR; SCHERER; CORSO, 2017).

Ou seja, o modelo da família patriarcal liderada pelo poder paterno e caracterizado por autoridade, disciplina e obediência herdada de aspectos imigratórios contribuiu para que a Região da Serra Gaúcha/RS se desenvolvesse pautada na ideia de que o homem é o indivíduo responsável pelo sustento da família, enquanto que à mulher cabia o cuidado com a casa e a prole. Essa cultura marcada pela supremacia masculina fez com que a figura feminina tivesse representação em organizações — como a Câmara da Indústria e Comércio (CIC) — somente após a década de 1990 em Caxias do Sul — maior município da região, por exemplo (TESSARI; HERÉDIA, 2017).

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Esta seção apresenta aspectos teóricos e conceituais que forneceram subsídios para a investigação realizada. Assim, explana-se acerca do empreendedorismo no Brasil e do empreendedorismo feminino, com ênfase nas suas características e potencialidades.

1.1 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

O empreendedorismo figura como uma temática emergente no âmbito das ciências sociais aplicadas. Contudo, a literatura científica ainda não apresenta um conceito único e consolidado, sendo que não há aspectos consagrados sobre o que define um indivíduo ser ou não um empreendedor (FERNANDES et al., 2020). Ou seja, “presente no imaginário coletivo da sociedade moderna como algo desejável e até essencial para o desenvolvimento social, o empreendedorismo é um conceito impreciso” (TOMETICH, 2020, p. 2).

De acordo com Schumpeter (1982), o empreendedor é a pessoa capaz de promover uma nova ascensão e gerar receita. Para McClelland (1961), trata-se do indivíduo que assume riscos calculados, possui necessidade de realização e atende a um conjunto de outras características comportamentais. Por sua vez, Dolabela (2016) associa o empreendedor à independência e autonomia mediante a exploração de oportunidades de negócio (DRUCKER, 1986).

Além disso, se reconhece a existência de três tipos principais de empreendedores, quais sejam: empreendedor corporativo, interno ou intraempreendedor; empreendedor individual ou *startup*; e empreendedor social. O primeiro refere-se ao indivíduo que possui características empreendedoras e as emprega dentro de uma empresa já existente, ou seja, no seu local de trabalho. O segundo tipo concerne à pessoa que abre o seu próprio negócio, ao passo que o empreendedor social não busca o retorno econômico, mas sim a promoção de bem-estar social por meio do desenvolvimento de causas e projetos sociais (BAGGIO; BAGGIO, 2014).

Segundo Dornelas (2008), foi na década de 1990 que o empreendedorismo tomou força no Brasil, sobretudo em função da criação de organizações orientadas para atividades empreendedoras, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software (SOFTEX), por exemplo.

Além disso, um conjunto de políticas públicas empreendedoras instituídas no país buscava oferecer um tratamento diferenciado e simplificado aos pequenos negócios no âmbito tributário, trabalhista, previdenciário, de acesso à crédito e à inovação (OTTO; VIEIRA, 2020).

Com o passar dos anos, o empreendedorismo se tornou cada vez mais presente na vida do brasileiro, passando a assumir duas tipologias, quais sejam: empreendedorismo por necessidade e empreendedorismo por oportunidade. A primeira diz respeito à criação de um negócio por não haver outra opção devido a questões financeiras, falta de emprego ou busca por complementação de renda, por exemplo. Já o empreendedorismo por oportunidade corresponde à identificação de oportunidades interessantes e lucrativas de negócio (LEITE; OLIVEIRA, 2007).

De acordo com um estudo realizado pela Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2022), a taxa de empreendedorismo no país passou de 30,2% em 2019, para 53% em 2022. Essa pesquisa evidenciou também que a faixa etária predominante (23,5%) dos empreendedores iniciais (nascentes e novos) é de 24 a 34 anos, enquanto que, em negócios já estabelecidos, a maior proporção é de pessoas com idade entre 45 e 54 anos, representando 18,4%.

Quanto ao gênero, percebe-se que, ao longo dos anos, os homens constantemente predominam nas atividades empreendedoras. Em 2022, constata-se que 8,5% dos empreendimentos nascentes foram desenvolvidos por homens, enquanto que para as mulheres essa porcentagem é de 6,6%. De igual maneira, o gênero masculino responde por 14,2% do empreendedorismo estabelecido no país, ao passo que o feminino diz respeito a 6,8%. Essa proporção se acentua à medida que o empreendimento amadurece, o que pode ser justificado pelo fato de que, historicamente, as mulheres começaram a empreender tardiamente e tendem a enfrentar mais dificuldades para permanecer na atividade empreendedora em comparação com os homens (GEM, 2022).

1.2 EMPREENDEDORISMO FEMININO

Sob o contexto histórico, a sociedade caracteriza-se por uma distinção de gênero que atribui atividades distintas aos homens e às mulheres, cujos papéis sociais foram claramente divididos. O poder e a autoridade eram exclusivos do homem, ao passo que a mulher era considerada como um objeto de submissão e dominação, destinada aos cuidados domésticos

“
Com o passar dos anos,
o empreendedorismo
se tornou cada vez mais
presente na vida do
brasileiro, passando
a assumir duas
tipologias, quais sejam:
empreendedorismo
por necessidade e
empreendedorismo por
oportunidade.”

e com a família (LOIOLA, 2016). Por vezes, crenças e hábitos arraigados mantêm-se através das gerações, permeando a sociedade contemporânea e ainda ocasionando desafios na atuação feminina no mercado de trabalho e no mundo dos negócios (LUCAS; ANCELMO, 2022).

Em 1827, as mulheres conquistaram o direito de frequentar a escola, sendo que no final do Século XIX já integravam uma parcela representativa da mão de obra na indústria têxtil. Com salários mais baixos e devido à criação submissa da época, tornava-se mais fácil disciplinar as trabalhadoras e mantê-las como funcionárias (LOIOLA, 2016). Posteriormente, em função das dificuldades econômicas, as mulheres foram sendo incluídas cada vez mais no mercado de trabalho, mas geralmente em posições de subordinação (MAGALHÃES, 2016). Após lutas sindicais, a mulher adquiriu direito a um salário mais digno e a melhores condições de saúde e higiene no trabalho (COIMBRA, 2011).

Assim, deu-se início à “dupla jornada” de trabalho da mulher, que além do emprego formal também se dedica aos afazeres domésticos e da maternidade (ARAÚJO, 2016). Ou seja, “é reconhecido que as empreendedoras enfrentam muitas dificuldades ao tentar conciliar as suas empresas com a família” (TEIXEIRA; BOMFIM, 2016, p. 44). De acordo com uma pesquisa realizada pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais (SEBRAE/MG, 2023), sete em cada dez empreendedoras afirmam que são a principal pessoa responsável pelos afazeres domésticos e da residência, enquanto que entre os empreendedores esta proporção cai para três a cada dez indivíduos.

A pesquisa também evidenciou as diferentes motivações entre os gêneros para a abertura de um negócio próprio. Os maiores percentuais motivacionais entre as respondentes foram os seguintes: ser dona do próprio negócio para obter autonomia e flexibilidade (63%), necessidade financeira (45%) e vocação e desejo de empreender (42%). Já entre os homens, as principais motivações consistiam em ser dono do próprio negócio para obter autonomia e flexibilidade (52%), vocação e desejo de empreender (49%) e experiência na área em que abriu a empresa (39%) (SEBRAE/MG, 2023).

Em relação aos entraves gerenciais enfrentados por empreendedores iniciais, 54% das mulheres alegam dificuldade em possuir um capital de giro adequado, enquanto que entre os homens este percentual cai para 40%. Outro aspecto pertinente corresponde ao fato de que 32% das empreendedoras não conseguem separar as finanças pessoais das empresariais, o que também ocorre com 18% dos empreendedores do gênero masculino (SEBRAE/MG, 2023).

A pesquisa também evidenciou as diferentes motivações entre os gêneros para a abertura de um negócio próprio.

Não obstante, salienta-se que, no Brasil, o número de empreendedoras que são chefes de família aumentou 10% em seis anos, passando de 41% a 51% — atingindo o maior número histórico de lares chefiados por mulheres (SEBRAE, 2023). Já no Estado do Rio Grande do Sul, os dados indicam que 43% dos empreendimentos ativos foram criados por mulheres, com destaque a Microempreendedoras Individuais (MEIs) e microempresas com menos de cinco anos de existência (SEBRAE, 2022).

Outro aspecto pertinente corresponde ao fato de que 29% das empreendedoras gaúchas possuem Ensino Superior, e 77% têm em média dois filhos. Além disso, 50% dividem as despesas e responsabilidades com o cônjuge, ao passo que 27% são responsáveis de maneira independente pelo sustento da casa (SEBRAE, 2022). “As mulheres empreendedoras agregam de forma significativa ao mercado de trabalho [...] Geram ciclos de melhoria e valor que impactam e no apoio à outras mulheres” (SEBRAE/RS, 2023).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada classifica-se como quantitativa no que se refere à abordagem do problema, cujo objetivo consiste em “medir opiniões e informações utilizando recursos da estatística e elementos de demonstração de porcentagem” (RODRIGUES; OLIVEIRA; SANTOS, 2021, p. 165). Ou seja, este tipo de investigação leva em conta a objetividade e emprega a mensuração tanto para a coleta quanto para a análise dos dados (SILVA; LOPES; BRAGA JÚNIOR, 2014).

Em relação à sua finalidade, trata-se de um estudo descritivo. De acordo com Gil (2019, p. 47), o intuito de pesquisas descritivas consiste em “estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, nível de escolaridade etc.”. Isto é, intentam descrever determinada realidade e desvendar a relação entre eventos ou variáveis (PEDROSO; SILVA; SANTOS, 2017).

O procedimento técnico empregado foi uma *survey*, que consiste na coleta de dados diretamente junto ao público-alvo por meio da utilização de um questionário (FREITAS et al., 2000; GIL, 2019). O instrumento de coleta de dados foi elaborado com base em Silva (2021), composto por 23 variáveis. Destas, 15 eram afirmações relacionadas aos desafios do empreendedorismo feminino, cujas opções de resposta foram pautadas em uma Escala Likert de cinco pontos conforme o grau de concordância/

discordância. Já as outras oito variáveis contemplavam características sociodemográficas das respondentes, sendo que as categorias de respostas se enquadram como qualitativas nominais ou ordinais.

Os dados foram coletados com o auxílio da ferramenta de gerenciamento de pesquisas Google Forms. Assim, o endereço eletrônico de acesso ao questionário foi encaminhado por meio das redes sociais Instagram e Facebook, *e-mail* e WhatsApp para empreendedoras da Região da Serra Gaúcha/RS entre os meses de outubro e novembro de 2023. Dessa forma, a amostragem foi não probabilística por conveniência, sendo composta por 42 respondentes.

Para análise dos dados utilizou-se estatística descritiva através de medidas de tendência central (média) e de variabilidade (desvio padrão). Também foi empregada verificação de frequência — absoluta e relativa. Para auxiliar na organização dos dados e na execução dos procedimentos analíticos utilizaram-se planilhas eletrônicas do *software* Microsoft Excel. Por fim, os dados foram apresentados empregando representações gráficas e tabelas, além de serem discutidos com achados provenientes de outros estudos.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

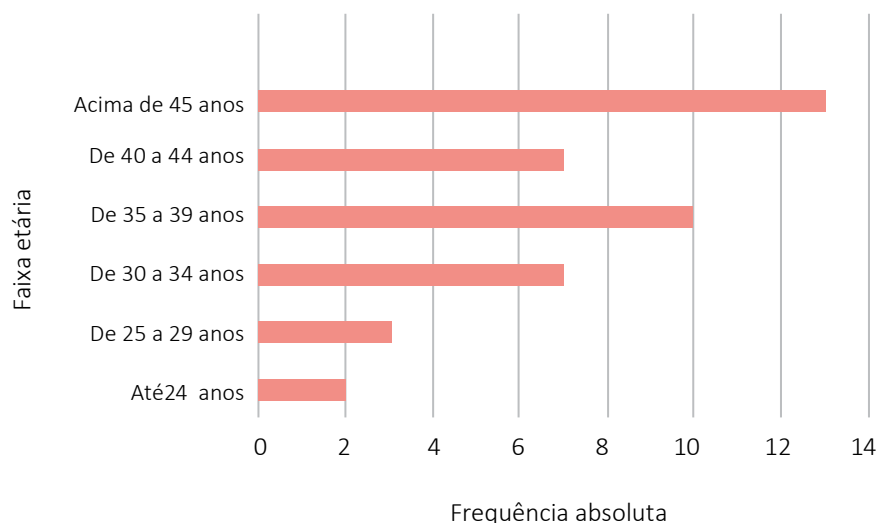
Esta seção está organizada seguindo a mesma lógica estrutural contida no instrumento de coleta de dados. Assim, inicialmente são apresentados os dados referentes ao perfil das respondentes, discorrendo sobre sua caracterização sociodemográfica. Em seguida, têm-se os achados concernentes às variáveis do empreendedorismo feminino organizadas em três blocos, quais sejam: ambiente doméstico, apoio familiar e processo empreendedor.

3.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DAS RESPONDENTES

No que diz respeito ao perfil das respondentes, observa-se que a maioria é casada (69%), enquanto que 26,2% afirmaram ser solteiras e 4,8% divorciadas. Quanto à maternidade, mais de um terço das respondentes (33,3%) possuem um filho, ao passo que 26,2% têm dois filhos. Além disso, 19% das mulheres que participaram da pesquisa afirmam ter três ou mais filhos, enquanto que o mesmo percentual não possui prole.

Acerca da faixa etária, constata-se que a idade predominante foi superior a 45 anos (31%), demonstrando que a maior parte da amostra investigada é composta por mulheres maduras. O GRÁF. 1 apresenta a distribuição de frequência absoluta das respondentes por grupos etários.

GRÁFICO 1 — Distribuição absoluta das respondentes por faixa etária

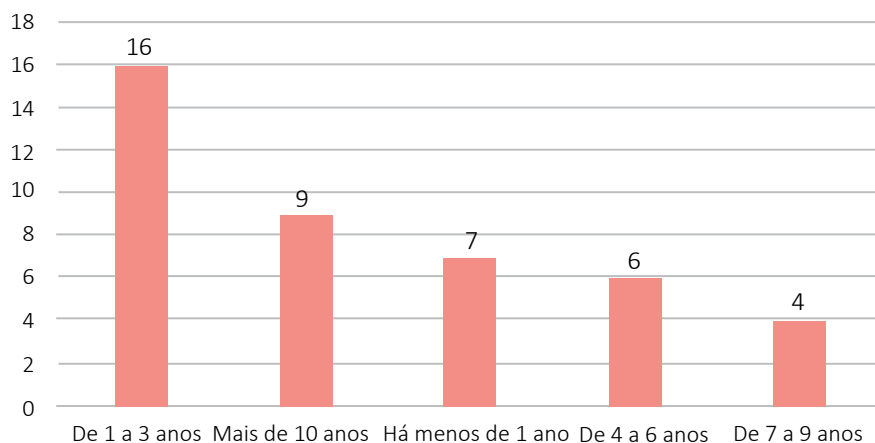


FONTE: As autoras (2024)

Quanto ao tamanho do negócio junto ao qual são responsáveis, constatou-se a predominância de microempreendedoras (MEIs), representando mais da metade da amostra analisada (61,9%). Há também 21,4% que afirmam ser proprietárias de microempresas (ME), enquanto que 9,5% possuem empreendimentos enquadrados como médias empresas (ME). Por sua vez, as empresas de pequeno porte (EPPs) respondem por 7,1% dos negócios de propriedade das respondentes da pesquisa.

Em relação à distribuição das participantes tendo em vista o tempo de atuação de seus empreendimentos, os resultados apontam a maior incidência de negócios nascentes, pois mais da metade (54,8%) possuem até três anos de atuação. Deste total, 30,5% tem menos de um ano de existência. O GRÁF. 2 apresenta a distribuição de frequência absoluta do tempo de atuação dos empreendimentos investigados.

GRÁFICO 2 — Distribuição absoluta do tempo de atuação dos empreendimentos

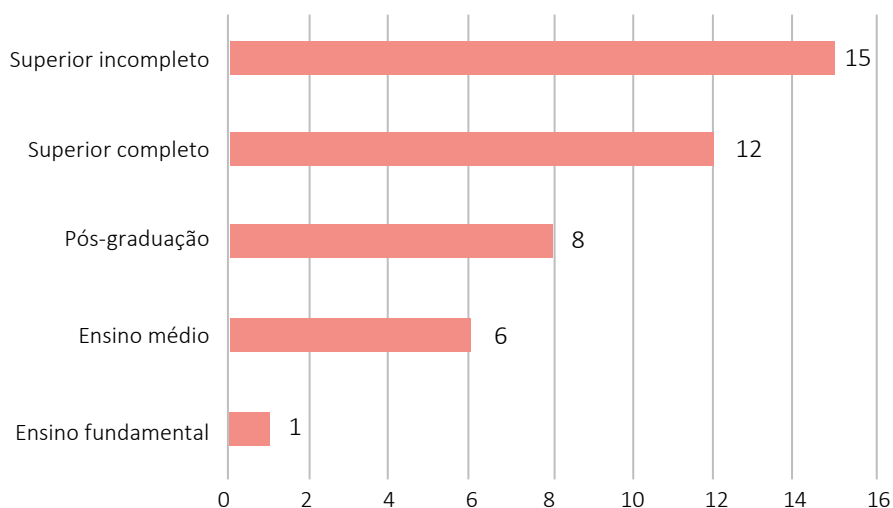


FONTE: As autoras (2024)

Em consonância, os dados nacionais demonstram que os microempreendedores individuais (MEIs) possuem a maior taxa de mortalidade (29%) e que, destes, a maioria encerra o negócio nos primeiros cinco anos de atuação. Essa taxa de mortalidade dos MEIs mostra-se incidente também com a mesma intensidade no Estado do Rio Grande do Sul (SEBRAE/RS, 2023). Assim, reconhece-se a probabilidade de que os negócios de propriedade das participantes da pesquisa possam não se manter a longo prazo.

Quanto ao setor de atuação, a maioria são prestadoras de serviços (47,6%), seguido do comércio (28,6%), indústria e agronegócio (19%) e saúde (4,8%). Novamente, corrobora-se com os resultados nacionais, visto que a maior proporção de empreendedoras se encontra no setor de prestação de serviços (SEBRAE/RS, 2023). Não obstante, o GRÁF. 3 apresenta a distribuição das respondentes de acordo com o seu nível de escolaridade.

GRÁFICO 3 — Distribuição absoluta das respondentes por nível de escolaridade



FONTE: As autoras (2024)

Os achados concernentes ao nível de escolaridade das empreendedoras divergem daqueles observados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2022a), cujo panorama indica que, apesar de as mulheres representarem a maior porcentagem no Ensino Superior em relação aos homens (28% contra 17%), a sua distribuição nacional por escolaridade mostra-se maior no Ensino Médio (40%).

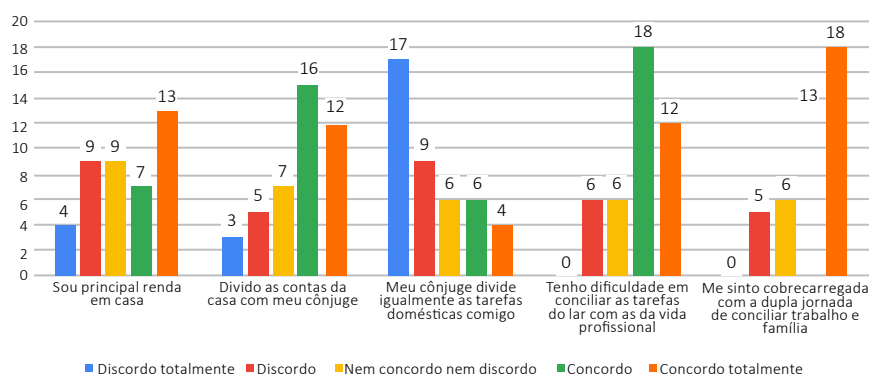
Além disso, as respondentes foram questionadas sobre os principais motivos que as levaram a empreender. Dentre as categorias de respostas previamente definidas pela literatura, constata-se que a possibilidade de conciliar trabalho e família foi proeminente (33,3%), seguida pela autonomia e flexibilidade de horários (28,6%). Estes indícios são coerentes com o fato de que a maioria das mulheres da amostra analisada são casadas e/ou tem filhos.

Também se observou que a necessidade financeira correspondeu a motivação de 19,1% das empreendedoras, enquanto que a dificuldade de ascensão profissional no antigo emprego e a dificuldade de retornar ao mercado de trabalho referem-se ambas a 7,14% das respostas obtidas. O desejo por trabalhar em algo de seu agrado e a realização de um sonho figuram, igualmente, como as razões para que 2,4% das mulheres tenham aberto seu próprio negócio.

3.2 DESAFIOS DO EMPREENDEDORISMO FEMININO

No que diz respeito ao ambiente doméstico, os resultados obtidos levaram em consideração aspectos relacionados à contribuição feminina no provimento de renda e no custeio financeiro da manutenção do lar — pagamento de despesas/contas. Também ponderou-se sobre a realização de tarefas domésticas e a percepção de sobrecarga derivada da dupla jornada de trabalho que geralmente caracteriza a figura feminina na sociedade contemporânea. Assim, o GRÁF. 4 demonstra uma representação gráfica que contempla a frequência absoluta das respostas atribuídas pelas participantes da pesquisa a cada categoria da escala empregada, segundo seu nível de concordância/discordância.

GRÁFICO 4 – Distribuição absoluta das respostas relacionadas ao ambiente doméstico entre as categorias da Escala Likert



FONTE: As autoras (2024)

Observa-se que ao serem questionadas sobre a divisão de contas com o cônjuge, 66,7% afirmaram que o fazem (apontaram como resposta “concordo” ou “concordo totalmente”), o que representa praticamente toda a parcela da amostra que indicou casada como estado civil. Por outro lado, apesar de as mulheres contribuírem financeiramente para a manutenção do lar, constata-se que somente 23,8% delas informaram que seus cônjuges auxiliam na realização de tarefas domésticas.

Nesse sentido, Wagner et al. (2005, p. 182) destacam que “a divisão das tarefas domésticas, criação e educação dos filhos parecem não acompanhar de maneira proporcional as mudanças decorrentes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do sustento econômico do lar”. Ou seja, por mais que a figura feminina tenha conquistado maior autonomia e espaço laboral no mercado de trabalho, a divisão de tarefas no ambiente doméstico não acompanhou tais transformações e

segue ocorrendo de maneira tradicional (FLECK; WAGNER, 2003; ROCHA-COUTINHO, 2003).

Em consonância, Hryniewicz e Vianna (2018) e Simão (2019) elucidam que mesmo em casos em que a mulher assegura sozinha o sustento do lar, também assume de maneira predominante a realização de tarefas domésticas. Em classes sociais mais baixas, a carga de trabalho destinada às mulheres mostra-se ainda mais elevada, o que contribui para a disparidade de condições de igualdade entre gêneros no mercado de trabalho (NASCIMENTO et al., 2021).

Esta situação pode explicar o fato de que 73,8% das empreendedoras que participaram da pesquisa concordaram que se sentem sobrecarregadas com a dupla jornada de conciliar trabalho e família. Pirrolas e Correia (2020) comentam que a mulher exerce uma jornada tripla na sociedade contemporânea, pois, além de trabalhar fora, também estuda e se dedica às tarefas domésticas, conciliando-as de alguma maneira.

Mota-Santos et al. (2019) salientam que, para tentar atenuar esta sobrecarga, as mulheres que auferem uma renda maior geralmente adotam como estratégia contribuir mais financeiramente em casa em troca de uma menor participação nas tarefas do lar. Sob esse aspecto, observa-se que pouco menos da metade das respondentes (47,6%) correspondem à principal fonte de renda em casa. Este percentual não é proporcional àquelas que indicaram que recebem auxílio no âmbito de atividades domésticas.

Em estudo realizado por Mota-Santos, Azevedo e Lima-Souza (2021, p. 124), as autoras apontam que, por vezes, as próprias mulheres tendem a supervalorizar a ajuda que recebem na realização das tarefas do lar, promovendo “um engrandecimento mesmo do companheiro que realiza quaisquer dessas atividades, ainda que ele tenha menos sobrecarga de trabalho dentro e fora de casa”. Essa perspectiva indica a quão arraigada a divisão de tarefas doméstica é na estrutura social, o que denota preocupação (PIRROLAS; CORREA, 2020).

Ante ao exposto, a TAB. 1 apresenta a estatística descritiva referente às variáveis relacionadas a tais aspectos, o que possibilita verificar a oscilação das respostas fornecidas na Escala Likert entre as pessoas que compuseram a amostra investigada. Desse modo, torna-se possível comparar, de maneira abrangente, os resultados obtidos.

TABELA 1 — Estatística descritiva referente as variáveis que compõem o ambiente doméstico

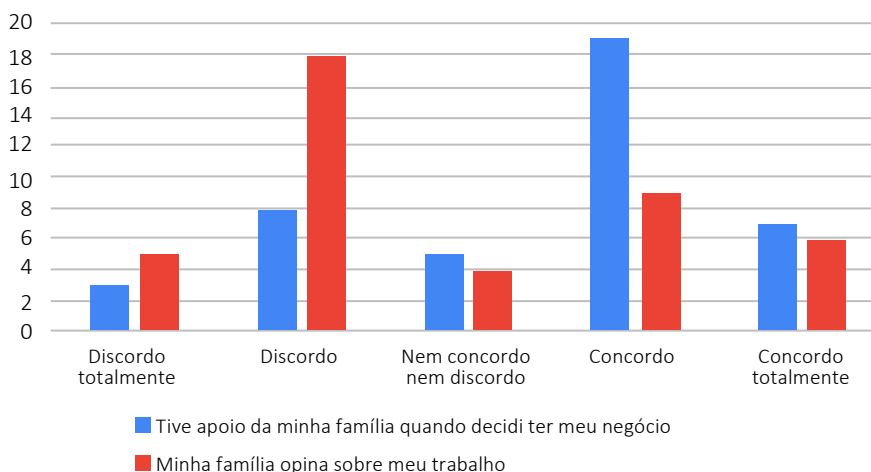
Variável	Média	Desvio padrão
Sou a principal renda em casa	3,38	1,378
Divido as contas da casa com meu cônjuge	3,67	1,223
Meu cônjuge divide igualmente as tarefas domésticas comigo	2,31	1,388
Tenho dificuldades em conciliar as tarefas do lar com as da vida profissional	3,86	1,002
Me sinto sobrecarregada com a dupla jornada de conciliar trabalho e família	4,05	1,035

FONTE: As autoras (2024)

Dentre as variáveis que integram este bloco de questões, constata-se que a sensação de sobrecarga das mulheres apresentou a maior média, seguida pela dificuldade em conciliar as tarefas do lar com aquelas relacionadas à vida profissional. A respeito disso, estudos apontam que esse desequilíbrio aumenta o nível de estresse às mulheres, o que causa a intensificação de conflitos e a minimização da satisfação conjugal (POWELL et al., 2018). Em adição, a dupla jornada também tende a contribuir para o adoecimento (SMITH et al., 2018), tanto fisicamente quanto emocionalmente (BERKMAN et al., 2015; OLIVEIRA et al., 2017).

Não obstante, acerca do apoio familiar, constata-se que 61,9% das mulheres receberam-no quando decidiram empreender. Salienta-se que a média obtida nesta variável correspondeu a 3,45, enquanto que o desvio padrão foi de 1,194. Por outro lado, a afirmação “minha família opina sobre meu trabalho” apresentou média de 2,83 e desvio padrão de 1,305, demonstrando que na maioria dos casos, a família não interfere nos empreendimentos. O GRÁF. 5 ilustra a distribuição de frequência de respostas obtidas em cada categoria da Escala Likert quanto à tais questionamentos.

GRÁFICO 5 – Distribuição absoluta das respostas relacionadas ao apoio familiar entre as categorias da Escala Likert



FONTE: As autoras (2024)

De acordo com Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), além do conflito de atenção pessoal, familiar e profissional enfrentado pelas mulheres, a falta de apoio e de confiança correspondem às dificuldades mais comuns a serem superadas pelas empreendedoras brasileiras. Contudo, os resultados obtidos nesta pesquisa demonstraram que as respondentes receberam o apoio de suas famílias quando resolveram dar início ao processo de empreender, facilitando-o.

No que diz respeito a aspectos relacionados a tal processo, constata-se que a maioria das mulheres que participaram do estudo já possuíam experiência anterior na área junto a qual empreenderam. Apesar disso, verificou-se a predominância de respondentes que enfrentaram dificuldades para começar a empreender, conforme demonstra a TAB. 2.

TABELA 2 — Estatística descritiva referente às variáveis que compõem o processo empreendedor

Variável	Média	Desvio padrão
Já tinha experiência na área que decidi empreender	3,43	1,328
Já pensei em desistir de empreender	3,76	1,185
Empreender me trouxe realização pessoal	4,26	0,701
Senti dificuldade em começar a empreender	4,17	0,908
Continuo me especializando na área em que empreendo	4,29	0,891
Tenho dificuldade em administrar meus rendimentos	3,07	1,421
Tenho dificuldade em ter acesso a crédito em instituições financeiras	3,36	1,186
Sinto que meu trabalho deveria ser mais valorizado	4,40	0,665

FONTE: As autoras (2024)

Observa-se que a maior média e o menor desvio padrão entre as variáveis que correspondem ao processo de empreender consiste ao sentimento de que o trabalho deveria ser mais valorizado, denotando o alinhamento das respondentes quanto a este aspecto. Para Machado (2013), apesar do papel da mulher empreendedora estar sendo cada vez mais valorizado no Brasil, ainda existem entraves concernentes ao seu reconhecimento, tais como a resistência de equipes de trabalho, por exemplo.

As respondentes também entendem que é importante continuar se especializando na sua área de atuação e que o empreendedorismo lhes proporcionou realização pessoal. Porém, 73,8% delas reconhecem que já pensaram em desistir de empreender, o que pode ser motivado pelo esgotamento (físico e mental) proveniente da dupla jornada de trabalho anteriormente mencionada.

Além disso, 40,5% das empreendedoras entendem que não possuem dificuldades em administrar seus rendimentos, ao passo que somente 26,2% afirmaram não enfrentar dificuldades em acessar crédito junto a instituições financeiras. Nesse sentido, Carter et al. (2007) ponderam sobre a possibilidade de as instituições bancárias atribuírem à figura feminina maior probabilidade de risco em relação a empréstimos. Isto é, existe a tendência maior de que as mulheres sejam consideradas empreendedoras de baixo desempenho, denotando preconceito (LEWIS, 2006).

De modo geral, por si só, empreender já é algo dotado de complexidade e dificuldades, o que se intensifica quando se refere a atuação feminina (LUCAS; ANSELMO, 2022). Assim, destaca-se a importância da ampliação de políticas públicas e de estratégias orientadas para o fomento do empreendedorismo feminino a fim de minimizar as desigualdades socioprofissionais historicamente impostas às mulheres (NATIVIDADE, 2009). Ademais, o empreendedorismo contribui para o empoderamento da mulher em múltiplas dimensões, inclusive na econômica (LIMA et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada busca identificar os principais desafios enfrentados pelas mulheres empreendedoras na Região da Serra Gaúcha/RS. Para isso, caracterizou-se o perfil sociodemográfico das mulheres que fizeram parte da amostra e, em seguida, exploraram-se os possíveis desafios tendo em vista três aspectos, quais sejam: ambiente doméstico, apoio familiar e processo empreendedor.

Os resultados indicaram que a maior parte das participantes do estudo são mulheres maduras, casadas e microempreendedoras que atuam no setor de prestação de serviços, cujo empreendimento classifica-se como nascente (até três anos de existência). Apesar do desejo de conciliar o trabalho com a vida profissional figurar como uma das principais motivações para empreender, a maioria das respondentes já pensaram em desistir de seus negócios — o que pode ser fruto da dupla jornada de trabalho que enfrentam, pois observou-se o predomínio de inexistência de divisão de tarefas domésticas, gerando sobrecarga ao público feminino.

A percepção de que seu trabalho deveria ser mais valorizado também obteve elevado nível de concordância por parte das participantes do estudo, mesmo que parte delas já possuam experiência prévia na área atuante. No âmbito familiar as empreendedoras tiveram apoio ao iniciarem seus negócios e não sofrem interferência da família quanto às decisões que tomam em relação ao empreendimento.

Também observou-se que uma parcela das respondentes afirmam que possuem dificuldade em administrar seus recursos financeiros. Contudo, a proporção de mulheres que declarou ter dificuldade de acesso a crédito junto a instituições financeiras mostrou-se mais acentuada, denotando que ambos os fatores podem não estar alinhados. Como consequência, abre-se margem para debates acerca de preconceito de gênero no acesso à crédito, o que é respaldado pela literatura.

Ademais, constata-se que o objetivo do estudo foi alcançado, pois apresenta-se o panorama dos desafios enfrentados pelas empreendedoras na região investigada, sobretudo acerca da dificuldade em conciliar a vida pessoal e profissional e da sobrecarga de trabalho. Desse modo, as contribuições da pesquisa contemplam o fornecimento de evidências que enriquecem a literatura sobre empreendedorismo feminino na Região Sul do Brasil. Também se tem informações que podem auxiliar no desenvolvimento de ações regionais que estimulem o processo empreendedor junto às mulheres, o que fomenta benefícios socioeconômicos e pode auxiliar para a remissão de diferenças históricas de gênero.

Por fim, reconhecem-se as limitações da pesquisa quanto ao tamanho da amostra e ao fato desta ser restrita à rede de contatos das pesquisadoras, o que impossibilita a generalização dos resultados obtidos. Assim, para estudos, futuros sugere-se a ampliação do escopo geográfico da investigação, bem como a inserção de aspectos relacionados a outros possíveis desafios, tais como a maternidade, a idade e o estado civil das empreendedoras, por exemplo. A comparação entre regiões de um mesmo Estado também poderia proporcionar resultados interessantes.

REFERÊNCIAS

ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, p. 221-234, 2014.

BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2014.

BERKMAN, L. F. et al. Work-family conflict, cardiometabolic risk, and sleep duration in nursing employees. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 20, n. 4, p. 420-433, 2015.

CARTER, S. et al. Gender, entrepreneurship, and bank lending: the criteria and processes used by bank loan officers in assessing applications. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 31, n. 3, p. 427-444, 2007.

CEZAR, B. G. S.; SCHERER, L. A.; CORSO, K. B. Empoderamento feminino na carreira de mulheres docentes: estudo em uma universidade federal do interior do Rio Grande do Sul. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 7, n. 1, 2017.

CNN BRASIL. **Empreendedorismo feminino**: como lidar com os desafios da questão de gênero nos negócios. 15 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/mulher-empreadedora/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

DOLABELA, F. C. Empreendedorismo e miséria. In: ÉSTHER, A. B.; PAÇO-CUNHA, E.; SANBÁBIO, M. T. (Orgs.). **Pequenas empresas**: reflexões e perspectiva de ação. Juiz de Fora: EDUFJF, 2006. p. 15-20.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**: prática e princípios. São Paulo: Pioneira, 1986.

FERNANDES, N. P. et al. Quem é o empreendedor? A busca por uma definição do conceito através da produção científica brasileira. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 7, n. 2, p. 1-37, 2020.

FLECK, A.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. spe., p. 31-38, 2003.

FREITAS, H. et al. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**, v. 35, n. 3, p. 105-112, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR — GEM. Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo 2022. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/05/GEM-BR-2022-2023-Relatorio-Executivo-v7-REVISTO-mai-23.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

HRYNIEWICZ, L. G. C.; VIANNA, M. A. Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, n. 3, p. 331-344, 2018.

JANSSEN, N. **A importância do empreendedorismo para o crescimento econômico e suas barreiras no Brasil**. 2020. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Econômicas) — Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

LEITE, A.; OLIVEIRA, F. Empreendedorismo e novas tendências. **Estudo EDIT VALUE Empresa Junior**, v. 5, p. 1-35, 2007.

LEWIS, P. The quest for invisibility: female entrepreneurs and the masculine norm of entrepreneurship. **Gender, Work and Organization**, v. 13, n. 5, p. 453-469, 2006.

LIMA, J. M. et al. Empreendedorismo como aporte para o empoderamento econômico feminino. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 17, n. 48, p. 251-266, 2021.

LOIOLA, C. C. **Mulher empreendedora: dificuldades e preconceitos**. 2016. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LUCAS, C. S.; ANCELMO, L. A. Os desafios do empreendedorismo feminino. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 17, p. e113111738299, 2022.

MACHADO, H. V. Mulheres empreendedoras: relato de experiências, trajetórias e desafios. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 2, n. 1, p. 1-18, 2013.

MACHADO, M. A. O trabalho feminino na indústria de Caxias do Sul-1900/1930. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 22, n. 2, p. 177-194, 1996.

MAGALHÃES, D. M. L. **Desigualdades de gênero no contexto organizacional**. 2016. 31 f. Monografia (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MCCLELLAND, D. C. **The achieving society**. New York: The Free Press, 1961.

MOTA-SANTOS, C.; AZEVEDO, A. P.; LIMA-SOUZA, É. A mulher em tripla jornada: discussão sobre a divisão das tarefas em relação ao companheiro. **Revista Gestão & Conexões**, v. 10, n. 2, p. 103-121, 2021.

MOTA-SANTOS, C. et al. Enforcing the social contribution of gender: the qualified female public servant versus the female executive. **Revista de Administração Pública**, v. 53, n. 1, p. 101-123, 2019.

NASCIMENTO, C. R. R. et al. Os papéis da mulher e do homem nas famílias pela óptica masculina: um estudo de duas gerações. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 4, p. 1-18, 2021.

NATIVIDADE, D. R. Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. **Revista de Administração Pública**, v. 43, p. 231-256, 2009.

OLIVEIRA, T. L. et al. Associação entre jornadas de trabalho e estilo de vida. **Life Style**, v. 4, n. 2, p. 55-71, 2017.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO — OIT. OIT: desigualdades de gênero no emprego são maiores do que se pensava. 6 mar. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/03/1810927>. Acesso em: 17 nov. 2024.

OTTO, I. M. C.; VIEIRA, J. C. Empreendedorismo no Brasil: resultados das políticas públicas para pequenos negócios. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 84279-84298, 2020.

PAULA, F. S.; PAULA, M. S. S.; NUNES, G. A. N. A importância do empreendedorismo em Rubiataba. **Revista Descobertas**, v. 1, n. 1, p. 6, 2022.

PEDROSO, J. S.; SILVA, K. S.; SANTOS, L. P. Pesquisa descritiva e pesquisa prescritiva. **JICEX**, v. 9, n. 9, 2017.

PIRROLAS, O. A. C.; CORREIA, P. M. A. R. Profissão, família e educação – conciliação da tripla jornada: uma questão de políticas e práticas organizacionais ou uma questão de sexo? **Revista da FAE**, v. 23, n. 1, p. 7-22, 2020.

POWELL, G. N. et al. Family science and the work-family interface: an interview with Gary Powell and Jeffrey Greenhaus. **Human Resource Management Review**, v. 28, n. 1, p. 98-102, 2018.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Quando o executivo é uma “dama”: A mulher, a carreira, e as relações familiares. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

RODRIGUES, T. D. F. F.; OLIVEIRA, S. G.; SANTOS, J. A. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

ROSA, S. S. Empreendedorismo e a atitude empreendedora: um relato de sua importância para a economia. **Administração de Empresas em Revista**, v. 4, n. 22, p. 154-168, 2020.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juros e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS — SEBRAE. **Empreendedorismo feminino**: qual a sua importância para a sociedade? 25 fev. 2021. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empreendedorismofeminino/artigoempreendedorismofeminino/empreendedorismo-feminino-qual-a-sua-importancia-para-a-sociedade,5cef0ab8f5ad7710VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS — SEBRAE. **Empreendedorismo feminino no Brasil em 2022**. 2022a. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/03/empreendedorismo-feminino-ate-III-trim_2022_v5.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS — SEBRAE. **Quais são os principais desafios do empreendedorismo feminino?** 23 mar. 2022b. Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/mulheres-empendedoras-desafios-enfrentados-e-como-alcancar-o-sucesso#:~:text=Mulheres%20t%C3%AAm%20dificuldade%20em%20assumir%20postura%20empendedor&text=%C3%89%20comum%20que%20mulheres%20comecem,n%C3%A3o%20assuem%20uma%20postura%20empendedor>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS — SEBRAE. **Recorte por gênero**: mulheres donas de negócios são mais escolarizadas que os homens. 2023. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/03/1mulheres-donas-negocio-mar-2023-3.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE MINAS GERAIS — SEBRAE/MG. **Pesquisa empreendedorismo feminino**. 2023. Disponível em: https://www.inteligencia-sebraemg.com.br/_files/ugd/d0f56d_2fd8d58c497d462788cf42cb87e1b19b.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL — SEBRAE/RS. **Dia Internacional da Mulher 2023**: estudo aponta perfil das empreendedoras gaúchas. 6 mar. 2023. Disponível em: <https://sebraers.com.br/dia-internacional-da-mulher-2023-estudo-aponta-perfil-das-empendedoras-gauchas/>. Acesso em: 28 set. 2023.

SILVA, D.; LOPES, E. L.; BRAGA JÚNIOR, S. S. Pesquisa quantitativa: elementos, paradigmas e definições. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2014.

SILVA, M. A. **Mulheres empreendedoras**: uma abordagem da situação atual e desafios enfrentados por empreendedoras em Belo Horizonte-MG. 2021. 70 f. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SILVA, R. M.; BASTOS, L. A. Determinantes do empreendedorismo brasileiro: uma análise por setores. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 19, n. 33, p. 57-76, 2022.

SIMÃO, A. B. Entre o ideal e o real: percepções e práticas acerca da divisão de atividades domésticas e de cuidados no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, p. 1-7, 2019.

SIQUEIRA, D. P.; SAMPARO, A. J. F. Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero à luta pela igualdade. **Revista Direito em Debate**, v. 26, n. 48, p. 287-325, 2017.

SMITH, T. D. Assessment of relationships between work stress, work-family conflict, burnout and firefighter safety behavior outcomes. **Safety Science**, v. 103, p. 287-292, 2018.

SUTELO, K. Dia da mulher: empreendedoras chefiam mais de 40% dos negócios abertos no RS. **Correio do Povo**, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/dia-da-mulher-empendedoras-chefiam-mais-de-40-dos-neg%C3%B3cios-abertos-no-rs-1.996713>. Acesso em: 15 ago. 2023.

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 1, p. 44-64, 2016.

TESSARI, A. B.; HERÉDIA, V. B. N. **Mulheres empreendedoras**: a construção de uma caminhada. Caxias do Sul: EDUCS, 2017.

TOMETICH, P. Empreendedorismo: um conceito impreciso. **Revista Estratégia e Desenvolvimento**, v. 4, n. 1, 2020.

WAGNER, A. et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, p. 181-186, 2005.